

**HOLLIGER/SCHUMANN/BRAHMS**  
**Orquestra de Câmara Portuguesa**  
**Pedro Carneiro – direcção**

**5 de Outubro 2008 – Domingo**

**Grande Auditório**

**19H00**

**Centro Cultural de Belém**

**Co-produção: CCB/Orquestra de Câmara Portuguesa em Residência no CCB**

**PROGRAMA**

**Heinz Holliger (n. 1939)**

*Ostinato Funebre* para pequena orquestra

**Robert Schumann (1810-1856)**

*Sinfonia n.º 4 em Ré menor*, op. 120 (versão original, de 1841)

*Andante con moto – Allegro di molto*

*Romanza: Andante*

*Scherzo: Presto*

*Largo – Finale: Allegro vivace*

**Intervalo**

**Johannes Brahms (1833-1897)**

*Sinfonia n.º 1 em Dó menor*, op. 68

*Un poco sostenuto – Allegro – Meno allegro*

*Andante sostenuto*

*Un poco Allegretto e grazioso*

*Adagio – Più andante – Allegro non troppo, ma con brio – Più allegro*

**NOTAS AO PROGRAMA**

**Heinz Holliger (n. 1939)**

*Ostinato Funebre* para pequena orquestra

*Ostinato Funebre* é uma das secções de *Scardanelli-Zyklus*, obra de proporções imponentes da autoria do compositor suíço Heinz Holliger. Este ciclo é baseado em poemas de Friedrich Hölderlin, o maior poeta lírico alemão, que viveu entre 1770 e 1843.

Holliger demorou quase dez anos a dar como terminado o trabalho neste ciclo magistral (entre 1975 e 1985 quando a obra foi estreada em Donaueschingen). No entanto, há que referir que esta é uma obra aberta: não só o próprio compositor foi acrescentando secções ao longo dos

anos, como a sua ordem depende única e exclusivamente dos intérpretes. A música, que mistura várias referências e influências (Bach, Mozart, Klee ou Celan, por exemplo), é de ambiente geralmente sereno; por vezes gélida, por outras etérea ou irreal, ilustra as palavras e transporta-nos para o mundo fantástico, intrigante e estático de Scardanelli, um dos últimos pseudónimos de Hölderlin.

Foi em 1807 que o poeta, então vítima de perturbações mentais, foi recebido em casa de Ernst Zimmer, um carpinteiro e admirador que se propôs cuidar dele em sua casa, em Tübingen. Foi numa pequena torre desta casa que Hölderlin viveu os restantes 36 anos de vida (na altura, pensava-se que não sobrevivesse mais de três anos). Muitas vezes solitário, atribui-se vários nomes diferentes e era sob estes pseudónimos que assinava as suas raras obras. Scardanelli é, como já foi dito, uma destas personagens; uma das que mais vezes surge. Sob este pseudónimo, Hölderlin escreveu vários poemas entre 1833 e 1843, dando-lhes datas irreais – de 1648 a 1940!

Holliger pegou em alguns destes poemas e escreveu o seu enigmático, mas magnífico, *Scardanelli-Zyklus*. A obra conta com vinte e duas secções, que se distribuem por três universos distintos: coro (que canta poemas relativos às estações do ano), orquestra e flauta (instrumento praticado por Hölderlin que desempenha aqui um papel fulcral, a solo ou com orquestra).

As técnicas utilizadas pelo compositor são (ou parecem), muitas vezes, de uma simplicidade arrebatadora, sobretudo se as compararmos com outras obras da mesma época. Holliger simplifica a música ao extremo, despe-a de todo o tipo de efeitos supérfluos, deixa-a em estado puro. Muitas secções apresentam escrita canónica, também ela sem complexidades desnecessárias. Tudo isto faz com que o mundo sonoro deste *Zyklus* seja de grande originalidade e quase sempre surpreendente.

O *Ostinato Funebre* (c. 9 min.) é uma das secções deste ciclo que foi acrescentada posteriormente, em 1991. Baseada na *Música fúnebre maçónica* (*Maurerische Trauermusik*, K. 477) de W. A. Mozart (1756-1791), a peça é uma *passacaglia* com duas secções, de 37 e 36 compassos respectivamente, que correspondem aos anos de Hölderlin antes de ir viver para casa de Zimmer e aos anos que lá passou – os números 37 e 73 (37 + 36) estando presentes ao longo de todo o *Zyklus*.

À imagem do resto da obra, a música aqui é contemplativa e misteriosa. No entanto, e como diz Roman Brotbeck no livrete do disco<sup>1</sup>, ao contrário da maioria do ciclo, a obscuridade predomina nesta secção. Sons percussivos e evasivos, por vezes pouco nítidos, alternam com sons e harmonias cavernosas e abissais que se vão dissipando progressivamente, muitas delas no registo grave. Esta repetição (*ostinato*) de contrastes, perceptível mas pouco nítida, nunca atinge um clímax de intensidade claro, mas vai antes sugerindo vários ao longo da peça. Por fim, tudo acaba por voltar ao inelutável silêncio fúnebre e solene, mas sereno, do início.

Noutro texto incluído no livrete do disco, Peter Szendy relaciona o ambiente do ciclo com a procura da pureza patente na poesia de Paul Celan. A comparação não poderia ser mais adequada, embora esta realidade complique a vida ao ouvinte, como é o caso com todas as obras em que o dito nos diz menos que o não dito.

---

<sup>1</sup> O *Scardanelli-Zyklus* foi gravado e editado pela ECM New Series (1993), numa versão dirigida pelo compositor.

## **Robert Schumann (1810-1856)**

*Sinfonia nº. 4 em Ré menor, op. 120* (versão original, de 1841)

Robert Schumann foi o compositor romântico por excelência. Foi com ele que o romantismo musical se estabeleceu definitivamente. Além de compositor, um dos mais bem-sucedidos da sua geração, Schumann foi um crítico e divulgador muito activo, maestro e pianista (até se lesionar definitivamente com um mecanismo que ele próprio inventou para exercitar os dedos).

A geração de Schumann, que conta com outros compositores emblemáticos como F. Mendelssohn (1809-1847) e H. Berlioz (1803-1869), viveu sob a influência determinante de Beethoven, sobretudo no que diz respeito à música sinfónica. Depois da morte do compositor em 1827, escrever uma sinfonia acarretava uma responsabilidade de envergadura e a pergunta que se impunha era a de saber como escrever uma obra sinfónica que se pudesse medir, ou mesmo ultrapassar, a nona sinfonia de Beethoven.

Schumann interessou-se desde cedo pelo género sinfónico. Desde 1829 que planeava escrever uma sinfonia (na altura baseada num quarteto com piano) e entre 1832-1833 chegou a completar dois andamentos de uma obra sinfónica, tendo mesmo, o primeiro, sido apresentado ao público na cidade de Zwickau, nome com que esta peça ficou conhecida. Este primeiro projecto sinfónico, no entanto, nunca foi terminado.

Só mais tarde, em 1841, é que o interesse de Schumann pela escrita orquestral reapareceu. Nesse ano escreveu a sua primeira sinfonia, à qual deu o nome de *Primavera* (op. 38), a *Abertura, Scherzo e Final* (op. 52), uma fantasia para piano e orquestra (que, mais tarde, serviu de base ao primeiro andamento do seu muito famoso *Concerto para Piano em Lá menor, op. 54*), e uma outra sinfonia, em Ré menor – escolha audaciosa já que é a mesma tonalidade da nona sinfonia de Beethoven.

Esta segunda sinfonia foi estreada a 6 de Dezembro de 1841. Mas, em 1851, o compositor decidiu revê-la e a obra acabou por ser publicada dois anos depois pela Breitkopf & Härtel sob o nome de *Sinfonia nº. 4, op. 120*. Esta segunda versão foi a que ganhou mais popularidade, e é sobretudo esta que é interpretada e gravada hoje em dia.

Durante vários anos a versão original da obra, a que vamos hoje ouvir, foi esquecida. Só em 1891, muito depois da morte de Schumann e contra a vontade da sua mulher Clara, é que o compositor Johannes Brahms, amigo muito próximo de ambos, que considerava a primeira versão superior, a fez publicar.

No que toca às diferenças entre as duas versões, estas são de várias ordens. Entre outras, mencionaremos as seguintes: a orquestração da versão final é mais “pesada”, poderíamos até dizer mais “romântica”, com texturas mais densas; os quatro andamentos originais deram lugar a cinco e, embora sem consequências concretas, as indicações de tempo, em italiano na versão de 1841, passaram a aparecer em alemão; mais ainda, e sobretudo, nota-se uma modificação das transições entre as secções lentas do primeiro e último andamentos, para as tornar musicalmente mais eficazes. Geralmente, é aceite que a versão original está mais bem orquestrada e que a versão final é musicalmente mais bem construída – embora, obviamente, esta seja uma discussão muito subjectiva.

De todas as formas, esta é uma sinfonia emblemática na produção de Schumann. Como já foi dito, a versão original da sinfonia (c. 25 min.) está dividida em quatro andamentos, mas é tocada sem pausas entre eles. As secções surgem umas das outras, mantendo uma unidade

temática notável. Em termos melódicos, como referiu o musicólogo John Daverio, a obra é quase toda baseada em duas ideias: uma melodia sonhadora e ondulante, e outra bem mais incisiva e rítmica, que é exposta pelos violinos no início do *Allegro* do primeiro andamento. Estas duas ideias reaparecem constantemente, mesmo se de formas diferentes, durante os quatro andamentos da obra sem que, no entanto, deixemos de ser, inúmeras vezes, surpreendidos pela inspiração e imaginação do compositor ao desenvolvê-las.

Hoje interpretada na versão de 1841, muito ágil e lírica, vamos perceber por que é que esta sinfonia inovadora é certamente uma das obras mais admiráveis e irreverentes de Schumann.

### **Johannes Brahms (1833-1897)**

*Sinfonia n.º 1 em Dó menor, op. 68*

“Brahms, assim como Bach, sintetizou uma época. Mas ao contrário de Bach, contribuiu pouco para o desenvolvimento da música.” Estas palavras, do crítico Harold C. Schonberg, demonstram bem, embora de forma muito sintética, a natureza da obra de Johannes Brahms. Longe de ser um revolucionário, o compositor olhou mais para o passado que para o futuro; mais para estruturas já há muito estabelecidas que para outras novas, com características ainda por descobrir.

Poderíamos dizer que, ao contrário de Schumann que (inúmeras vezes) moldou e criou estruturas musicais à sua imagem, Brahms adaptou a sua música a estruturas preexistentes. Esta admiração pelo passado fez com que fosse muito criticado durante a vida. Era visto como antiquado, como não tendo nada de novo para dizer. No entanto, a sua música nunca saiu de moda e ainda hoje Brahms é um dos compositores mais populares, mais programado nas salas de concerto e mais gravado em todo o mundo. Tudo isto poderia parecer estranho, caso as obras de Brahms não fossem, praticamente todas, obras-primas dos respectivos géneros.

Foi em 1876 que o compositor deu como terminada a sua primeira sinfonia, depois de vários anos de trabalho (desde 1862, pelo menos, que havia começado a trabalhar na obra). Nessa altura, com quarenta e quatro anos, Brahms tinha abordado todos os géneros musicais excepto a sinfonia (e a ópera, que nunca chegou a abordar). A herança de Beethoven era difícil de suportar e não era de alma leve que se abordava um género de tal forma indissociável do compositor de Bona.

Brahms acabou por escrever quatro sinfonias, todas elas magníficas, mas a primeira revelou-se de difícil concepção. A obra foi estreada no dia 4 de Novembro de 1876 em Karlsruhe, sob a direcção de Otto Dessoff.

A *Sinfonia n.º 1 em Dó menor* (c. 45 min.) está dividida em quatro andamentos contrastantes. Aqui, não podemos deixar de notar a tonalidade escolhida pelo compositor para esta sua primeira sinfonia: Dó menor está inelutavelmente associada a Beethoven que, nesta tonalidade, escreveu algumas das suas obras mais prodigiosas e também mais intrigantes – como a *Sonata Pathétique*, o *Concerto para Piano n.º 3*, a *Sinfonia n.º 5*, ou a *Sonata op. 111*, entre outras.

O primeiro andamento começa com um tempo moderado, *sostenuto*, como que para anunciar qualquer coisa de importante. A introdução leva-nos a um *Allegro* muito enérgico e harmonicamente de grande criatividade. No desenvolvimento, Brahms introduz uma secção muito tensa e misteriosa que faz com que a recapitulação e a coda pareçam ainda mais brilhantes e intensas. O *Andante* é sereno, pausado, e de certa forma refrescante. O elemento

principal, agora, é o desenvolvimento melódico que chega a extremos de intensidade. O *Allegretto* que segue é mais sentimental, mais lírico. É a secção mais luminosa e leve da sinfonia.

O último andamento começa com uma introdução lenta, o que é muito raro na obra de Brahms. A música é solene e misteriosa – o *pizzicato* das cordas a isso ajuda –, avança por impulsos que atingem clímaxes repentinos. A trompa, seguida por outros instrumentos de sopro, traz momentos mais serenos que preparam o *Allegro*. Aqui, a sombra de Beethoven e da sua nona sinfonia reaparece de forma determinante: Brahms acaba a obra, originalmente em Dó menor, em Dó maior (a nona sinfonia sendo em Ré menor, termina em Ré maior), o tema do famosíssimo *hino da alegria* é evocado e o ambiente geral é declaradamente beethoveniano – triunfante e glorioso.

Com esta sua primeira sinfonia, de génese sofrida, Brahms não poderia ter sido mais claro quanto à herança que pretendia invocar e, de certa forma, reavivar.

Francisco C. Sassetti

### **PEDRO CARNEIRO**

“(…) É um momento magistral ouvir uma actuação deslumbrante de Carneiro”.  
(Guardian, Inglaterra)

“(…) uma leitura formidável destas obras superiores (…) extremamente preciosa pela qualidade da sua interpretação”.  
(Le Monde, França)

“O marimbista Pedro Carneiro, que actuou como solista (…) apareceu como um super-homem, vindo de outra galáxia”.  
(Frankfurter Allgemeine Zeitung, Germany)

Pedro Carneiro, artista associado da passada temporada no Centro Cultural de Belém, é um dos poucos instrumentistas de percussão a dedicar-se exclusivamente à carreira de solista. O seu percurso é bem revelador do seu admirável valor artístico, em ascensão no circuito internacional, com interpretações expressivas pautadas por grande criatividade e desempenho técnico que têm vindo a cativar plateias na Europa, EUA, Ásia e Austrália.

Estudou piano, violoncelo e trompete desde os cinco anos de idade. Foi bolseiro da Fundação Gulbenkian no Guildhall School of Music and Drama, onde estudou com David Corkhill (tímpanos e percussão) e Alan Hazeldine (direcção de orquestra), onde terminou a sua licenciatura com a distinção “Head of Department Award”. Como bolseiro do Centro Acanthes, estudou também com o percussionista Sylvio Gualda e mais tarde, em Londres, com o marimbista Leigh Howard Stevens. Seguiu também os cursos de direcção de orquestra de Emilio Pomàrico, na Accademia Internazionale della Musica em Milão.

Aos 33 anos, já tocou, em estreia absoluta, perto de uma centena de obras e trabalha regularmente com prestigiados instrumentistas, orquestras e compositores. Os quais incluem a

cravista Elisabeth Chojnacka, os pianistas Michael Houstoun e Artur Pizarro, os quartetos Arditti, Tokyo, Shanghai, Chilingirian, New Zealand e Latinoamericano, os compositores Steve Reich, James Dillon e Emmanuel Nunes. Apresenta-se regularmente como solista convidado de diversas orquestras: BBC National Orchestra of Wales, Seattle Symphony Orchestra, Helsinki Philharmonic, Iceland Symphony Orchestra, London Mozart Players, Vienna Chamber Orchestra, Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, entre outras.

Proximamente, irá realizar a estreia mundial, com a Los Angeles Philharmonic, do novo concerto para percussão de Peter Lieberson, obra co-encomendada pela Orquestra Gulbenkian; a estreia absoluta do novo concerto para percussão de Christian Lindberg com a Swedish Chamber Orchestra e a Leipzig Radio Symphony Orchestra; a estreia da nova obra concertante de João Pedro Oliveira com a Orquestra de la Comunidad de Madrid (uma co-encomenda da Casa da Música); a estreia do novo concerto para marimba e orquestra de John Psathas, com várias orquestras na Austrália e Nova Zelândia; e a estreia de um novo quinteto de Akira Nishimura, na Europa e no Japão, com o Quarteto Arditti.

Pedro Carneiro grava regularmente para as etiquetas ECM Records, Zig-Zag Territoires e Rattle Records. A sua extensa discografia inclui trabalhos a solo, música de câmara, assim como gravações de obras concertantes com diversas orquestras e agrupamentos: Seattle Symphony Orchestra, New Zealand Symphony Orchestra, Estonian National Symphony Orchestra, Orquestra de la Comunidad de Madrid, Kammerensemble Neue Musik Berlin, entre outras.

Apresenta-se regularmente como solista/director com diversas orquestras internacionais. É o director artístico e maestro titular da Orquestra de Câmara Portuguesa, a "Orquestra em Residência" no Centro Cultural de Belém.

## **ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA**

Aclamado pela crítica internacional como um dos mais originais músicos da actualidade, Pedro Carneiro assegura a direcção artística da novíssima orquestra, onde lidera um grupo excepcional de 36 virtuosos instrumentistas, representantes da mais nova geração de talentos musicais.

A Orquestra de Câmara Portuguesa pretende criar um *ensemble* de excelência que funcione como plataforma de lançamento de novos intérpretes, e que promova a sua integração no mercado de trabalho musical europeu.

A OCP procura a excelência nas suas actuações, e quer ser o espaço de valorização dos seus músicos. Para dar corpo a esta ambição, a preparação dos concertos inclui um mínimo de dez ensaios e a presença de um ensaiador convidado.

O Centro Cultural de Belém acolheu esta iniciativa da melhor forma, lançando o desafio do Concerto Inaugural da Temporada 2007-2008, sob o estatuto de Orquestra Associada do CCB. A presença nos Dias da Música em Belém na mesma Temporada permitiu a concretização de mais um dos principais objectivos da orquestra - abrir espaço aos jovens maestros, pelo que a OCP também foi dirigida por Pedro Amaral e Pedro Neves.

No Festival Música Portuguesa Hoje, a OCP juntou no mesmo programa uma obra dos anos setenta de Emmanuel Nunes, o compositor mais radicalmente alinhado com os princípios do pós-serialismo de Darmstadt, com a *Segunda Sinfonia* de Bontempo, o reformador liberal e compositor classizante do início do século XIX. Desta forma, ofereceu

uma dieta musical representativa de compositores portugueses que trabalham e trabalharam a actualização da música portuguesa em função das correntes europeias do seu tempo.

A RTP 2 e a Antena 2 são os parceiros *media* da orquestra, para a promoção e gravação dos concertos, tendo sido transmitido pela RTP2 no mesmo dia do Concerto de Natal, do ano passado, no Grande Auditório, o documentário *O Nascimento de Uma Orquestra*, reproduzindo a constituição da OCP, desde as audições dos músicos até à estreia.

A OCP é um projecto com credibilidade e pertinência social e cultural, que nasce de uma acção genuína de cidadania proactiva. Deste modo, está também a desenvolver em parceria com o CCB um projecto de criação de novos públicos, pela ligação à comunidade escolar às actividades da orquestra.

O Alto Patrocínio do Presidente da República aos concertos da OCP é uma distinção de cariz institucional que se tem mantido desde o concerto de estreia. Porém, a consolidação efectiva da OCP só será possível com o apoio de mecenas.

É este, portanto, mais um momento determinante para que este projecto singre, sendo crucial que, a exemplo da Fundação do Centro Cultural de Belém, os mecenas demonstrem estar atentos às iniciativas e a envolverem-se na promoção do bem comum português, do qual também usufruem nas suas actividades comercial e financeira correntes.

O concerto desta noite marca o início da segunda temporada da colaboração da Orquestra de Câmara Portuguesa, agora em residência, com o Centro Cultural de Belém.

**Direcção e Percussão:** Pedro Carneiro

**Ensaaiador Convidado de sopros:** Andrew Swinnerton

**Ensaaiador Convidado de cordas:** Adrian Florescu

## **Músicos**

**Flauta** - Natália Monteiro, Ana Catarina Costa

**Oboé** - Samuel Bastos, David Costa

**Clarinete** - José Eduardo Gomes

**Clarinete e clarinete baixo** - João Moreira\*

**Clarinete contrabaixo** - Ana Rita Pratas\*

**Fagote** - Roberto Erculiani, Susana Janeiro

**Contrafagote** - Ricardo Santos\*

**Trompa** - Nuno Cunha, Dorottya Vig, Ângelo Caleira, António Cunha Seabra\*

**Trompete** - José Almeida, Óscar Carmo

**Trombones** - Luís Castelhana, Filipe Alves,\* Mário Vicente

**Tímpanos** - Matthew Rich\*

**Percussão** - João Carlos Pacheco

**Violino** - Adrian Florescu (concertino), Anne Victorino Almeida (concertino-auxiliar), Sara Llano (concertino-auxiliar), Agostinha Jacinto, Carla Santos,\* Jean Aroutiounian, Hugo Gomes, Joana Cipriano, Joana Dias, Cristiana Abreu, Maria João Matos, Paula Carneiro, Inês Vieira, Miguel Gomes

**Viola** - Hugo Diogo, Pedro Falcão, Francisco Pampulha, Susana Fernandes\*

**Violoncelo** - Luís André Ferreira, Rogério Medeiros, João Costa

**Contrabaixo** - Romeu Santos, Ricardo Tapadinhas\*

\*músicos convidados

**ANDREW SWINNERTON** – ensaiador-convidado de sopros

Em 2008 celebrou 35 anos de carreira profissional, desenvolvida, em grande parte, no meio musical português. Estudou oboé no Royal College of Music de Londres, com Peter Graeme e Sidney Sutcliffe, e ganhou o prémio de oboé no ano da sua formatura, em 1973. Posteriormente, frequentou cursos de aperfeiçoamento com Heinz Holliger e Maurice Bourgue. Em 1977, ganhou a medalha de prata no Concurso Internacional de Genebra.

Foi primeiro oboé solista da Orquestra Gulbenkian, tendo ocupado a mesma posição na Orchestre du Théâtre Royal de la Monnaie, em Bruxelas, e a Royal Ballet Orchestra, em Londres. Tocou também com orquestras inglesas de nomeada, como a Orquestra Filarmónica de Londres e a Orquestra Sinfónica da BBC. Como solista, tocou com a Northern Sinfonia, Ensemble Instrumental de Lausanne, Orchestre Jean-François Paillard, Bach Collegium de Estugarda e Orquestra Gulbenkian.

É actualmente professor de oboé na Escola Superior de Música de Lisboa. Ensinou ainda na Universidade de Évora e na Academia de Amadores de Música, além de *master-classes* nos Cursos de Verão da Costa do Sol (Estoril), na Escola Profissional de Vale do Ave e na Escola Superior de Leipzig.

Foi maestro director do Coro e Ensemble Bach de Lisboa durante mais de 20 anos e dirigiu o naipe de sopros da Orquestra Portuguesa da Juventude, tendo sido também convidado a dirigir a Orquestra Sinfónica Juvenil, bem como concertos em Inglaterra.

No campo da música de câmara, Andrew Swinnerton integra, e foi fundador, do Quinteto de Sopros Amadeus e do Trio Zéfiro, e tem participado em inúmeros concertos de câmara com os melhores músicos portugueses.

Em Outubro de 2007 dirigiu a ópera *A Flauta Mágica* nos Açores, no Coliseu de Ponta Delgada.

**ADRIAN FLORESCU** – ensaiador convidado de cordas

Nasceu na Roménia em 1975. Aos seis anos iniciou os seus estudos de violino na Escola Básica de Música n.º 4 de Bucareste, em 1981, e quatro anos mais tarde ingressou na Escola George Enescu, passando depois para a Escola Dinu Lipatti, na mesma cidade. É membro da Academia de Música Romena, desde 1997.

No seu país natal colaborou como violinista com inúmeras orquestras, como a Orquestra Sinfónica Estudantil Dinu Lipatti (1990-1993), tendo feito digressões em França, Grã-Bretanha, Espanha, Alemanha, Áustria e Suíça; Orquestra de Câmara Sinfónica de Bucareste (1997-2001), com digressões em França, Jugoslávia e Suíça – no Crans Montana Forum; Orquestra Sinfónica do Ministério da Defesa da Roménia (1996-1997); Orquestra Filarmónica de Constanta, na Roménia; Orquestra Sinfónica Ion Dumitrescu (1999-2000), com digressão em Itália; Orquestra Sinfónica de Giurgiu (1998-2001).

Como primeiro violino *tutti*, Adrian Florescu fez parte da Orquestra da Rádio Nacional da Roménia (1993-1995) e Orquestra de Câmara (2000-2001), e durante o serviço militar tocou

com Ciocarlia, na Orquestra de Música Ciocarlia; Orquestra de Câmara Filarmónica de Bucareste (1997-2000). Entre 2000 e 2001 foi segundo concertino na Orquestra Sinfónica da Fundação Sergiu Celibidache, em Bucareste.

Em 2001, radica-se em Portugal, onde colabora até 2003 como primeiro violino no Quarteto Ensemble da Capela Real de Vila Viçosa e Quarteto Lusitano. Em Janeiro de 2004, ingressa na Orquestra Metropolitana de Lisboa como concertino auxiliar. Desde 2007 tem colaborado com a Orquestra de Câmara Portuguesa, como violinista, concertino e ensaiador-convidado

## **PARTICIPE NO FUTURO DA MÚSICA PORTUGUESA**

A Orquestra de Câmara Portuguesa foi criada para responder a uma lacuna presente nas saídas profissionais dos jovens músicos nacionais.

Estamos a constituir um *ensemble* de excelência que funcione como plataforma de lançamento de novos intérpretes e promova a sua integração no mercado de trabalho europeu da música.

A Antena 2 e a RTP 2 são os nossos parceiros *media* e o CCB aceitou o nosso projecto, acolhendo-nos desde o primeiro momento e continua a dar um impulso determinante ao convidar-nos a permanecer em residência para a Temporada 2008/2009.

A OCP é uma estrutura leve e flexível sustentada e dependente do apoio privado.

Desafiamos assim os amantes da música e a sociedade civil no seu todo a materializarem o seu contributo, escolhendo uma das modalidades de apoio, de acordo com o seu perfil e vontade.

### **Modalidades de Apoio.**

Mecenas/Patrocinador da Residência no CCB – 200 mil euros anuais:

Mecenas/Patrocinador Oficial: 50 mil euros anuais

Mecenas/Patrocinador Empresa – 25 mil euros anuais

Membro do Clube OCP de Patronos Individuais – 2500 euros anuais

Benemérito OCP – 500 euros anuais

Melómano OCP – 100 euros anuais

- Para informação detalhada sobre como formalizar o seu apoio e as contrapartidas de cada modalidade, consulte o *site* da OCP: [www.orquestradecamaraportuguesa.pt](http://www.orquestradecamaraportuguesa.pt)

**Parceiros Media** – RTP 2 e Antena 2

Presidência da Republica

CCB/Orquestra de Câmara Portuguesa em residência

**Crédito:** Nuno Ferreira dos Santos (Foto da Orquestra e do Pedro Carneiro)